



CONJUNTURA

Infâncias perdidas (I)

Um eminente economista quantificou os custos sociais das flutuações macro. Indicando quanto cada indivíduo estaria disposto, em média, a contribuir para que a alternância entre *booms* e recessões fosse erradicada: um Big Mac por ano! Valor baixo, pois trata-se do caso dos EUA, onde por hipótese o estado não só tentaria, como conseguiria amortecer toda instabilidade observada. O problema dessa conta é o nível de agregação envolvido, mesmo durante as piores recessões – digamos a grande depressão dos anos 30 – a renda média não cai a níveis próximos de zero, ao passo que na prática alguns indivíduos têm suas respectivas rendas zeradas. Nas crises, muitos sofrem pouco e poucos sofrem muito. O valor de um hambúrguer, para quem está morrendo de fome, tende a infinito.

Os problemas incorridos nas análises agregadas são diversos. A temperatura média enfrentada por um adolescente que trabalha no McDonald's entre sorvetes e batatas fritas nos dá a impressão de uma situação mais amena do que aquela observada na prática. O nível micro permite mensurar não só os custos da instabilidade como as suas conseqüências. A realidade do adolescente americano que trabalha em lojas de *fast food*, ou dos brasileiros envolvidos na produção de bens transacionáveis, como calçados ou laranja – estudados com devoção nos EUA –, difere daquela dos garotos que vendem chiclete no sinal. É preciso considerar a heterogeneidade das situações vividas. A pergunta que nos interessa explorar é a seguinte: “Quais seriam os efeitos de infortúnios paternos em termos da entrada precoce da criança no mundo adulto?”